

Ye. J. 12650

REP. OF

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 85

O empreendimento colonial alemão

PUBLICADA PELO

Col. 5

Bureau da Imprensa Britânica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

—
1917



O empreendimento colonial alemão

O estudante da politica *colonial* alemã sai dum exame do seu inicio e da sua administração conscio que tem deante de si um assunto complicadissimo, um assunto que se não pode compreender áparte da questão muito mais vasta da politica *mundial* alemã.

São obvios os fitos elementares daquela politica colonial. O povo duma nação ha pouco unificada, poderoso e conscio do seu destino, chega subitamente á compreensão que o mundo contem outros continentes além da Europa, outras partes do mundo de grandes capacidades comerciais e que são para uma potencia mundial de maxima importancia estrategica. Compreendem que esses territorios de além-mar engrandecem enormemente o prestigio dos seus possuidores; que para as suas mercadorias constituem mercados de primeira ordem e que, havendo sempre uma percentagem dos cidadãos dum paiz que resolvem emigrar estes prefeririam procurar fortuna numa terra onde fluctuasse a bandeira, onde se falasse a lingua, onde existissem, quanto possivel os habitos e costumes da sua terra natal. E' menos violenta a separação, estão quasi como na sua patria.

Deste modo os emigrantes não estão perdidos para a nação; são portadores valiosos de cultura e estão constantemente empenhados em descobrir novas fontes de riqueza. Cada sucesso alcançado redundando no credito, aumenta o prestigio e contribue provavelmente a encher os cofres da terra que lhes foi berço. Além disso a posse de colonias torna mais comprehensivo o ponto de vista dos que permanecem na patria. Tornam-se mais susceptiveis de accitar o evangelho dum dominio mundial, caso o governo lh'o queira expôr.

Tais considerações são verdades elementares da expansão colonial. Até esse ponto o estudante da expansão alemã aprende facilmente. Não o surpreende o facto que as jovens nações, assim como os homens jovens tem pressa de chegar. A Alemanha via a rapida diminuição do territorio desocupado disponivel; eis uma explicação sufficiente da sua invasão um tanto arrebatada de secções do mundo que não tinham grandes perspectivas e da falta de discriminação que ela por vezes patenteou.

O estudante alemão poderia esperar, como era natural, que a chegada repentina deste novo competidor teria excitado o ressentimento daqueles que já estavam de posse dos seus quinhões. Longe disso, vê com admiração a aquiescencia, que chegava quasi á fraqueza, com que a Gran Bretanha, o competidor mais interessado, saudou a chegada da Alemanha no campo colonial. Acontecia, é certo, que muitas vezes a Gran Bretanha não tinha de momento grande

interesse no territorio que a Alemanha desejava anexar. Sem duvida tambem achava esta nação que estava de posse duma parte tão grande e tão valiosa da superficie da terra que seria injusto e ofensivo á sua dignidade o opôr obstaculos ás legitimas aspirações do recém-chegado que tinha ficado tanto na retaguarda. Porém isso não explica completamente a facil aceitação pela Gran Bretanha das primeiras irrupções da Alemanha em territorio onde a Gran Bretanha tinha direitos e interesses de valor. Um dos grandes projectos da Gran Bretanha tinha sido havia muito o ligar por meio dum caminho de ferro as suas possessões do Sul, do Centro e do Norte da Africa: este projecto é conhecido sob o nome de Caminho de Ferro do Cabo ao Cairo.

A primeira idéa foi de ligar o Lago Tanganika com o caminho de ferro da Uganda. Com este fim entabularam-se negociações em 1894 com o Estado Livre do Congo. Chegou-se ao acordo anglo-congolez, quando de repente a Alemanha interveiu, opoz-se asperamente ao plano que a Gran Bretanha com reluctancia abandonou.

Outro exemplo: na Nova Guiné a Alemanha apossou-se inesperadamente duma grande área depois de acalentar as suspeitas da Gran Bretanha sugerindo que as reclamações respectivas das duas nações poderiam ser assunto duma conferencia amigavel. De novo a Gran Bretanha cedeu e aceitou o facto consumado.

No Kamerum, onde a Gran Bretanha tinha

tudo tratado para ali exercer o seu protectorado, apresentou-se um professor alemão, armado com cartas de recomendação do Governo britânico, e anexou o territorio.

Em Kiao Chau a Alemanha ambitionava absorver a provincia de Shantung, esfera de influencia britânica, e iludiu o Governo chinês por meio dum pretenso accordo com o Governo britânico. Mais uma vez a Gran Bretanha mostrou-se conciliadora. Convem lembrar que nessa época a armada alemã era insignificante emquanto que a da Gran Bretanha era poderosissima. Vemos aqui um governo resolvido justificadamente a obter o seu quinhão dos territorios de além-mar, que vê as suas reclamações cortezmente reconhecidas sem se lhe opôr obstáculos e que entretanto opéra sempre como se encontrasse no seu caminho opposição e embaraços. Todas as vezes que se resolvia uma questão e que a harmonia se restabelecia aparentemente, a Alemanha deitava as vistas para o largo á procura de novos assuntos de contenda, novas causas de atrito. Parecia ofender-se com a attitude conciliadora da Gran Bretanha e a sua generosidade surpreendente com respeito ás suas primeiras reclamações, e resolveu tratá-la como se fosse uma potencia de terceira ordem, a qual num passado distante e glorioso se tinha abarrotoado com o melhor do dominio colonial que por meio de ameaças ella se veria obrigada a entregar. Parecia preferir que, por cada questão que se resolvia, ficasse bem enterrado um ferrão.

Dizer-se que se devia este phenomeno diplomatico unicamente á inquietação febricitante dum retardatario — ao repelão do *parvenu* — não satisfaz. O mais ambicioso *parvenu* não vai em busca de trabalhos. Se ha quem lhe atravesse o vôo, não hesita em abrir caminho por meio dum empurrão, porém quando lhe são oferecidas todas as facilidades para alcançar o seu desejo, é de todo o ponto inverosimil que ele se mostre carrancudo. O procedimento diplomatico da Alemanha excede os limites da exuberancia do *parvenu*. Como explicar então esta politica de constantes ferroadas?

No estudo duma qualquer politica especial da Alemanha, tira-se melhor resultado considerando-a como um pequeno plano auxiliar de outros projectos muito mais ambiciosos e duma muito maior amplitude. Sem duvida a Alemanha desejava possuir colonias em vista do seu valor intrinseco; contudo ainda mais as desejava como auxiliadoras no longo e tortuoso percurso que conduz ao dominio mundial. Pode-se sempre considerar como postulado que a politica alemã procura crear uma situação diplomatica, uma distribuição de alianças, que lhe seja favoravel. Bismarck, em particular, tinha um horror ás alianças que são ou poderosamente hostís ou inevitavelmente aperreadoras: «Le cauchemar des coalitions.» Ele tinha a forte convicção que a aliança franco-russa, e no peor dos casos britanica, traria uma preponderancia de força desfavoravel, talvez mesmo desastrosa, para o seu paiz. Não é exagero ver na sua politica

colonial tortuosa e subtil uma tentativa de atear o fogo da rivalidade colonial, excitando a França e ao mesmo tempo ameaçando a Gran-Bretanha com o seu punho de ferro, e de introduzir-lhes o virus da inveja e do odio colonial com o fim de impedir que essas potencias se entendessem. Não existe duvida que durante as negociações que se entabularam em 1884 para a solução das questões sobre os limites de territorios em Africa, a Alemanha fez ver á França que não tinha desejo de infringir os seus direitos e que o unico obstaculo a um entendimento rapido, justo e honroso era a cubiçosa ainda que fraca influencia britanica; insinuações estas em extremo ridiculas quanto se confrontam com a excessiva brandura testemunhada em todas as ocasiões pela Gran Bretanha. Tambem não existe duvida que a Alemanha se mostrava mais resoluta e mais intransigente com respeito a qualquer área que a Gran Bretanha desejasse ocupar e á qual tivesse um certo direito moral quando não fosse legal.

De modo nenhum é hostil esta critica. A diplomacia é uma ciencia demasiado tortuosa para que se lhe possa dar limites éticos definidos. Bismarck dizia: «Para um grande Estado o unico principio são de procedimento é o egoismo politico.» E' inegavel que a Alemanha tinha o maior interesse em impedir uma aproximação anglo-franceza e que determinava a sua politica colonial naquele sentido. A historia desta tentativa louvavel oferece um ótimo exemplo da diferença que existe entre a subti-

leza e a prudencia. Emquanto estiveram á disposição do seu paiz os grandes conhecimentos e o perfeito raciocinio de Bismarck, essa politica conseguiu humilhar a Gran Bretanha e trazer irritada a França; porém quando se retirou Bismarck, os seus successores herdaram só da sua intransigencia e das suas qualidades mais ambiguas; faltava-lhes em absoluto a sua astucia. Em consequencia, eram de tal maneira manifestos os prenuncios na questão do Transvaal e na de Marrocos que a Gran Bretanha e a França se viram impelidas, pela mesma desconfiança das intenções da Alemanha, a um entendimento que foi o maior acontecimento diplomatico daquela década.

O estudante chega portanto, forçosamente a estas conclusões: que, apesar de não carecer de explicação a resolução da Alemanha de se constituir em potencia colonisadora, bastam os métodos por ela adoptados, a hostilidade em apparencia desnecessaria, a subtilidade e a desconfiança que ella introduzia nas negociações, para o convencer que o fito da Alemanha ia além duma simples aquisição duns territorios mais ou menos desejaveis e que ella via nas occasões que se ofereciam para suscitar atritos (naturais onde existe rivalidade colonial) maneira de evitar alianças que ella receiava tão profunda e radicalmente. Tem tambem de chegar á conclusão que durante os ultimos dez annos os diplomatas alemães têm-se mostrado tão falhos em astucia que conseguiram os resultados que tanto desejavam impedir; noutros termos, tor-

naram tão patente á Gran Bretanha e á França que se estava estabelecendo uma potencia colonial perigosa e tiranica, e que ao mesmo tempo estava tomando vulto na Wilhelmstrasse uma grande ameaça á paz mundial que essas nações reconheceram achar-se a melhor e a unica segurança num entendimento mutuo.

Sendo este raciocinio concludente, pode-se ver neste duplo motivo, neste proposito encoberto, porém que repassa tudo, uma explicação do meu exito que têm tido as colonias alemãs. Se elas deviam servir em grande parte como méros pretextos para se chegar ao dominio do mundo, vinha explicado até certo ponto a falta de progresso resultante da administração official. Explicava igualmente a indiferença com que por muito tempo o cidadão alemão as considerava e a falta de reservas com que se discutia a sua evacuação. O Kamerum, o Togo e a Africa de sudoeste nada tinham de atrativo comparado com o leito do Congo e o Transvaal. Seriam uteis em suscitar o antagonismo entre a Gran Bretanha e a França, porém intrinsecamente para o dominio mundial de nada serviam.

Durante muito tempo, portanto, a sua historia restringia-se principalmente ás revoltas que se davam, aos atritos constantes entre os colonos e o governo imperial e á prostração geral que impedia o desenvolvimento. Sobreveiu mais tarde uma perspectiva mais inspiradora e de maior esperança, uma mudança de politica que se liga geralmente ao nome de Dernburg. Parece que esse homem de grandes aptidões

chegou a convencer os alemães que, se queriam possuir colonias, deviam tirar-lhes proveito. O Imperador fantasiou logo umas sentenças características com as quais procurava convencer o alemão que o seu futuro dependia inexoravelmente da sua expansão além-mar. Depois de Dernburg houve novo estímulo, porém, ao contrario do que se poderia esperar não produziu nenhum efeito notavel. O governo imperial vigiava cuidadosamente as colonias e procurou implantar-lhes esse sistema de organização centralisada e de eficiencia inflexivel que se ligarão eternamente com o nome da Prussia. Os maiores progressos fizeram-se na Africa Oriental e os menores ao sudoeste. E' possivel que se não tomasse bem a peito o aviso feito por Dernburg sobre o emprego demasiado do chicote nas colonias alemãs; em todo o caso a expansão na Africa Oriental via-se entravada por aquele facto ominoso patente em toda a historia da Alemanha a falta de mão d'obra; e ali mesmo bastava reunirem-se tres ou quatro colonos para ser logo assunto da sua conversa o descontentamento geral devido á intervenção excessiva e á administração demasiadamente rigida do Governo. No sudoeste, o unico produto valioso, os diamantes, era motivo de discussões asperas e demoradas entre as autoridades imperiais e as companhias mineiras, geralmente sobre o ponto da restrição de produção. Ali tambem eram perenes as dificuldades para se obter mão d'obra. Mesmo tomando em conta o mau clima, as colonias de Togo e dos Kameruns

não se podiam considerar como proveitosas. Na Australasia tropical as leis exóticas e impopulares sobre o casamento e a persistencia pedantica em querer ensinar a lingua alemã aos indigenas, sendo a ingleza a tradicional e a mais util, exibem no seu peor aspecto a excessiva intervenção que suscitou entre os indigenas um odio feroz contra a Kultur alemã.

Sobre um assunto tão extenso o generalisar é perigoso, porém a conclusão que se impõe ao observador imparcial é que, apesar do aumento de provas superficiais do progresso, tais como vias ferreas, estradas, vilas e fabricas e uma certa expansão comercial que se não pode negar, a situação das colonias alemãs quando começou a guerra era em geral pouco satisfatoria. Tinham nascido e tinham-se desenvolvido numa atmosfera de atritos e essa atmosfera ficou sendo sempre o principal caracteristico da sua historia.

E' impossivel definir o tacto colonizador. Nem sempre se encontra onde ha uma organização cuidadosa, metodica e de habilidade. E' uma qualidade áparte e muito superior a estas. Apesar de ser indefinivel, existe indubitavelmente, pois é ele que vivifica e estimula o colono. E' a ele que se deve o successo. Não se pode ensinar, nem se aprende; não se pode obter por meios dos substitutos modernos da oração e dos jejuns. Se fosse possivel adquiri-lo os alemães tê-lo-hiam adquirido; a sua maravilhosa perseverança ter-lhe-hia penetrado o segredo. Que o não penetraram é a convicção unanime daqueles

que teem estudado a historia das suas tentativas de colonisadores. Permanecem o que foram desde o principio, colonos feitos á força.

Sobre o assunto afirma com alguma verdade um escritor que «o exito na colonisação baseia-se numa iniciativa aventureira, empreendedora, individual e numa resoluta independencia que se nota já na creança e que se desenvolve mercê duma tolerancia que chega quasi ao desleixo por parte dos pais. Nenhum destes elementos se notam na colonisação alemã: o sistema educativo alemão não inculca a iniciativa, e a tolerança é anatema para o empregado publico alemão.»



